A visão da natureza através da história em quadrinhos*

Angela de Azevedo Maia * *
Aparecida Maria Neiva Vilaça * **

1. Introdução; 2. Materiais e métodos; 3. Discussão; 4. Conclusões.

"Na África oriental existem vastas planícies cercadas por uma barreira natural de selvas sufocantes, rios infestados de crocodilos, pântanos insalubres e o intransponível deserto do Saara. São as planícies da Tanzânia, que se estendem além do sul do monte Kilimanjaro. É nesse paraíso primitivo de amplas planícies e platôs arborizados que ainda existe a África de perene magia. É aí que vivem em grande número os animais africanos, tais como o elefante trombeteador, o hipopótamo preguiçoso e o rinoceronte genioso, o selvagem leopardo e o tímido antílope... os furtivos carnívoros e os velozes herbívoros. Sobre todos eles paira a sombra do leão, pois ali é o seu reino. Ali, Simba, o leão, nasce, cresce... e caça".

(*Almanaque Disney*, abr./1972, p. 71)

* As autoras agradecem às pessoas e instituições que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

* * Pesquisadora do Departamento de Conservação Ambiental da Feema; bacharel em biologia e ecologia pela UFRJ.

* * * Pesquisadora do Departamento de Conservação Ambiental da Feema; bacharel em ecologia pela UFRJ.

1. Introdução

A história em quadrinhos é considerada um dos importantes meios de comunicação do nosso tempo. Sua aceitação pelo público infantil, juvenil e mesmo adulto é considerável.

A história em quadrinhos fornece uma mensagem concisa que reúne texto e imagens, com ideologia definida, que é reflexo da vigente na sociedade. Ou seja, através da história em quadrinhos tem-se um espelho dos mecanismos e fatores sociais importantes.

A maioria dos estudos até hoje realizados sobre este assunto está relacionada com a mídia em si ou suas influências psicopedagógicas e políticas. Tornou-se, então, interessante para nós, educadores e biologistas, preocupados essencialmente com a conservação da natureza, analisar como sua imagem é veiculada por tão poderosa mídia. Para tal foram pesquisadas 1.248 revistas abrangendo um período de 16 anos, que é o da existência da história em quadrinhos no Brasil.

Ao lado do ensino formal há toda uma fonte de informação que vem sendo talvez mais determinante na concepção da idéia da natureza pela criança do que os ensinamentos recebidos através da escola.

Não há uma contraposição real entre o ensino formal e as imagens de natureza fornecidas pelas histórias em quadrinhos. A diferença está apenas na apresentação, pois mesmo valorizando o ambiente natural fala-se sobre *nossas riquezas naturais*, ou seja, as informações didáticas contêm uma inegável visão utilitária, compartimentalizada e irreal da natureza, muito semelhante à das histórias em quadrinhos.

2. Materiais e métodos

Foram lidas, aleatoriamente, 1.248 histórias em quadrinhos, publicadas entre 1905 e 1981, num total de 83 títulos de revistas (tabela 1). Procurou-se, sempre que possível, amostrar cada título de modo regular, ou seja, os exemplares eram lidos aleatoriamente dentro de cada ano de publicação, abrangendo todo o período de existência do título. Houve o cuidado em selecionar títulos publicados regularmente ou que tenham sido importantes e regulares no passado, mesmo que não sejam mais dados ao público atualmente sob a mesma denominação comercial.

Sendo o objetivo do trabalho analisar a imagem na natureza veiculada pelas histórias em quadrinhos, o estudo das revistas se constitui no destaque de quadrinhos com citações implícitas ou explícitas à natureza. Para o presente trabalho, o critério "referências à natureza" significou quaisquer alusões dos personagens das histórias em quadrinhos ao ambiente natural.

No decorrer das leituras observou-se de maneira clara e inconfundível a predominância de uma forma negativa de veiculação do ambiente natural. Entende-se por forma negativa o fato de a natureza ser retratada de modo irreal e distorcido, aparecendo como desagradável e daninha.

Assim, só passaram a ser computados os dados que se apresentaram considerados representativos da forma pela qual a natureza surge nas histórias em quadrinhos. Tomou-se o cuidado de se colocar os dados negativos em proporção ao número de revistas lidas, para reforço da hipótese. Fica, então, estatisticamente aceitável a não-consideração dos poucos dados positivos, ou seja, uma visão real ou valorizada da natureza, já que não são, de forma alguma, características da mídia.

As revistas analisadas foram divididas, primeiramente, quanto ao ambiente predominante do cenário das aventuras, em duas categorias, classificadas como urbano (1) e natural (2). Cada uma dessas categorias foi subdividida conforme o estilo da revista. Assim, temos os seguintes grupos:

1.1 Urbana – Infantil – Turma: as histórias transcorrem num cenário bem característico das grandes cidades onde vivem os personagens principais, formando grupos que apresentam personalidade infantil. São elas: *Pimentinha, Recruta Zero e Almanaque do Zero, Zezé e Cia., Pelezinho, Mônica, Almanaque da Mônica, Cebolinha, Almanaque do Cascão, Almanaque das Meninas, Brotoeja, Bolota, Tininha, Almanaque do Riquinho, Almanaque Lulu e Bolinha, Bolinha, Luluzinha.*

1.2 Urbana – Infantil – Disney: as histórias Disney, pelos temas altamente fantasiosos e desvinculados do cotidiano, constituíram um grupo à parte. São elas: *Pateta faz a história, Natal Disney de Ouro, Almanaque Disney, Disney Especial, Edição Especial, Mickey, Pato Donald, Tio Patinhas, Zé Carioca* e *Pica-Pau* – que, embora não seja criação Disney, enquadra-se, por suas características, nesse grupo.

1.3 Urbana – Infantil – Aventuras: grupo formado por histórias infantis em que os personagens estão envolvidos em aventuras diversas. São elas: *Astros Hanna*

Barbera, Almanaque Hanna Barbera, Os Jetsons, Zé Colmeia, Manda-chuva, Os Flintstones, Scubidu, Bionicão, Frajola e Piu-piu, Mortadelo e Salaminho, O Gordo e o Magro, A Pantera Cor-de-Rosa, Gaguinho, Pernalonga, Patolino, Popeye, Super Mouse, Recreio, O Tico-Tico, Almanaque do Tico-Tico, Vida Infantil, Vida Juvenil e *Cacá e Sua Turma.*

1.4 Urbana – Juvenil – Heróis: Os personagens principais dessas histórias são, em geral, adultos com força e poderes além do normal, sempre lutando para o bem da comunidade. São elas: *Speed Racer, Flash Gordon, Mandrake, Capitão Marvel, Homem Aranha, Tin-Tin, Os Quatro Fantásticos, Super Heróis Marvel, Superman, Batman, Capitão América, Heróis da TV, O Globo Juvenil, Gibi* e *Suplemento Juvenil.*

2.1 Natural – Infantil – Aventuras: este grupo abrange histórias que transcorrem, principalmente, em regiões rurais e florestais onde os personagens principais são crianças. São elas: *Pedrinho, Emília, Clássicos Walt Disney* (destacado do grupo Disney por apresentar histórias clássicas de fantasia que se passam em ambiente natural, como *Branca de Neve, A Bela Adormecida, etc.), Revista do Sítio do Picapau Amarelo, Brasinha, Gasparzinho, Luíza* e *Almanaque da Luíza.*

2.2 Natural – Juvenil – Heróis: grupo formado por histórias cujos personagens são super-heróis com força e poderes sobrenaturais e lutam para o bem da comunidade num ambiente rural ou florestal. São eles: *Fantasma, Robin Hood, Tarzan, Jim das Selvas* e *Zagor.*

A partir desses seis grupos foi montada uma matriz como artifício para se exprimir e compactar as idéias manifestadas pelos personagens das histórias em quadrinhos em relação à natureza. Essa montagem foi feita, inicialmente, por década de ocorrência da referência, mas, como não houve diferença considerável entre as diferentes décadas, os dados foram simplificados e reunidos numa tabela geral que abrangeu todo o período da existência das histórias em quadrinhos no Brasil.

Da análise dos dados sobressaiu que o assunto "natureza" poderia ser agrupado em quatro tópicos principais, correspondentes às referências mais comuns das histórias em quadrinhos ao ambiente natural. São eles: floresta, natureza em geral, plantas e animais.

a) floresta: foi destacada da natureza por ser o ambiente natural mais freqüente. As principais idéias a ela atribuídas foram: escura, sem luz; perigosa, com perigo não definido; sem saída, aprisionadora, onde se pode ficar perdido; amedrontado-

Tabela 1
Revistas lidas por grupo e década

Grupo \ Década	0	10	20	30	40	50	60	70	80	Total
1.1 Urbana Infantil Turma							38	108	61	207
1.2 Urbana Infantil Disney						44	33	104	89	270
1.3 Urbana Infantil Aventuras	3	2	16		3	41	4	76	57	202
1.4 Urbana Juvenil Heróis				38	75	90	75	72	27	377
2.1 Natural Infantil Aventuras								30	14	44
2.2 Natural Juvenil Heróis					6	33	53	47	9	148
Total	3	2	16	38	84	208	203	437	257	1.248

ra, causa medo pelo seu aspecto geral; intransponível, com vários obstáculos que não permitem que seja percorrida; inóspita, desagradável de se estar; densa e sufocante, ausência de espaço livre, excessivamente cheia de vegetação; com monstros, seres vivos deformados, agigantados; misteriosa, ameaçadora por obrigar o desconhecido; com animais selvagens, dos quais foram destacados os felinos como sendo os mais freqüentes; com bruxas, homens selvagens, bandidos. Além disso surge o antropomorfismo, ou seja, outros seres tomando a forma humana, como por exemplo, floresta em que as árvores têm bocas, olhos, braços.

Procurou-se encaixar nas adjetivações comuns às histórias em quadrinhos os conceitos não explicitados claramente pelos próprios personagens. Assim, quando estes demonstram por uma série de atitudes que sentem medo, esse dado é computado na categoria denominada amedrontadora.

b) natureza em geral: sob a denominação generalizada de natureza enquadram-se as manifestações dos personagens sobre: deserto, rio, caverna, ilha, rochedo e montanha, lago, mar e pântano.

c) plantas: as principais idéias atribuídas a elas são: perigosa, podendo agredir; venenosa, tóxica, indesejável, que incomoda, aflige; comportamento antrópico, plantas agindo como seres humanos.

d) animais: os principais conceitos a eles atribuídos são: visão utilitária, importância do animal relacionada exclusivamente à sua produção em benefício do homem; comportamento antrópico, animal agindo e sentindo como ser humano. Como por exemplo: mau, traiçoeiro, furioso; superstição, qualidade de sorte ou azar atribuída ao animal; perigoso, ameaçador; monstro, animais que são chamados de monstros por terem o porte naturalmente avantajado, por terem sido deformados (na maioria agigantados), serem produto da fantasia, como o dragão, ou por serem pré-históricos; indesejáveis, animais cuja presença incomoda sem necessariamente ameaçar; xingamento, nome do animal utilizado para xingar uma pessoa (por exemplo, verme, cachorro); cognome de bandido, quando um bandido (figura má) recebe o nome de um animal, provocando uma identificação de imagens (por exemplo, rato, chacal); conotações, qualidades que popularmente são atribuídas a determinados animais cujos nomes consagram-se como adjetivos depreciativos (por exemplo, bobo como um pato); venenoso, tóxico ao homem.

Além disso, foram pesquisadas publicações especializadas em comunicação, psicologia e antropologia para fornecer uma visão mais abrangente da mídia em si e da ideologia social por ela vinculada.

Foram consultados, também, profissionais das áreas de comunicação social, principalmente de produção de história em quadrinhos, psicologia, psiquiatria, pedagogia e antropologia. Tais contatos proporcionaram discussões e esclarecimentos de abordagem específica em suas áreas de atuação e que foram surgindo no decorrer da pesquisa.

Matrizes

Floresta \ Grupo	1.1	1.2	1.3	1.4	2.1	2.2	Total
Escura	2	11	2	2	3	7	27
Perigosa	3	27	3	12	1	17	63
Sem saída	2	1	5	2	1	2	13
Antropomorfismo		1		2		3	6
Com animais selvagens	3	19	5	12	1	9	49
Com felinos		8	1	3		2	14
Com monstros	3	8	8	4	5	3	31
Com bruxas	2	5	2	3	1	1	14
Amedrontadora	2	8	2	4	1	4	21
Intransponível	1	6	3	5	1	6	22
Inóspita		4	1	6		3	14
Densa e sufocante		4		2			6
Com homens selvagens		1		4		5	10
Misteriosa		3	2	3		6	14
Com bandidos		4		3			7
Total enfoques	18	110	34	67	14	68	311
Total revistas lidas	207	270	202	377	44	148	1.248

Obs.:
1.1 = Urbana – Infantil – Turma;
1.2 = Urbana – Infantil – Disney;
1.3 = Urbana – Infantil – Aventuras;
1.4 = Urbana – Juvenil – Heróis;
2.1 = Natural – Infantil – Aventuras;
2.2 = Natural – Juvenil – Heróis.

Natureza \ Grupo	1.1	1.2	1.3	1.4	2.1	2.2	Total
Deserto	2	6		3		5	19
Rio		6		4		7	17
Caverna	3	5					8
Ilha		2		1			3
Rochedo e Montanha		7	2	7			16
Lago				3		3	6
Mar				1		2	3
Pântano		27	1	40	9	23	106
Total enfoques	11	48	7	59	9	40	174
Total revistas lidas	207	270	202	377	44	148	1.248

Obs.:

1.1 = Urbana – Infantil – Turma;
1.2 = Urbana – Infantil – Disney;
1.3 = Urbana – Infantil – Aventuras
1.4 = Urbana – Juvenil – Heróis;
2.1 = Natural – Infantil – Aventuras;
2.2 = Natural – Juvenil – Heróis.

Plantas \ Grupo	1.1	1.2	1.3	1.4	2.1	2.2	Total
Indesejáveis	6	8	5	8	1	3	31
Perigosas	5	5	7	11	3	4	35
Venenosas	3	4	5	6		8	26
Comportamento antrópico		3		6		2	11
Total enfoques	14	20	17	31	4	17	103
Total revistas lidas	207	270	202	377	44	148	1.248

Obs.:

1.1 = Urbana – Infantil – Turma;

1.2 = Urbana – Infantil – Disney;

1.3 = Urbana – Infantil – Aventuras;

1.4 = Urbana – Juvenil – Heróis;

2.1 = Natural – Infantil – Aventuras;

2.2 = Natural – Juvenil – Heróis.

Animais \ Grupo	1.1	1.2	1.3	1.4	2.1	2.2	Total
Visão utilitária		10	6			1	17
Comportamento antrópico	11	56	23	66	8	61	225
Superstição	3	4	7	2	3		19
Perigoso	38	99	45	128	13	170	493
Monstro	8	33	1	75	1	40	180
Indesejável	71	65	23	19	8	4	190
Xingamento	10	3	2	15	1	8	38
Cognome bandido	2		2	37		4	45
Conotações	7	6	12	3	1		29
Venenoso		3		5			8
Total enfoques	150	229	121	350	41	288	1.244
Total revistas lidas	207	270	202	377	44	148	1.248

Obs.:

1.1 = Urbana – Infantil – Turma;
1.2 = Urbana – Infantil – Disney;
1.3 = Urbana – Infantil – Aventuras;
1.4 = Urbana – Juvenil – Heróis;
2.1 = Natural – Infantil – Aventuras;
2.2 = Natural – Juvenil – Heróis.

3. Discussão

3.1 *Floresta*

"Só mesmo quem passa uns dias nas selvas da Malaia é que pode perceber sua *crueldade* (...) Os pássaros mais *famintos* chegam a atacar-nos a bicadas (...) Não ficamos secos nem um minuto e não conseguimos descansar um instante, eram sem conta os *animais* que nos *incomodavam* (...) se parávamos, as sanguessugas subiam por nossas botas (...) E o cheiro da *vegetação apodrecida* impregnava o ambiente e nossas roupas (...) Finalmente chegamos a Kualang, *sujos, cansados* e *famintos* (...) A viagem foi difícil. Aprendemos muita coisa nessa *câmara* de *tortura verde ...*" (*Fantasma* n. 94; grifo nosso).

A floresta é o ambiente natural mais comum nas histórias em quadrinhos. De um modo geral é escura, densa e sem saída, onde o perigo de se perder para sempre é iminente. A falta de luz torna a floresta misteriosa e amedrontadora, onde o desconhecido é presente e ameaçador. É tida como local perigoso, morada de animais selvagens ditos perigosos, como felinos (leão, tigre, etc.), rinoceronte, gorila, urso, hiena, lobo, búfalo, raposa, porco-espinho, jacaré, cobra e lagarto. Os felinos são tão freqüentes na floresta que foram plotados em um item individual da matriz. Além disso a floresta é povoada de monstros que surgem da escuridão e ameaçam seriamente o herói em sua luta. Dentre os monstros estão gigantes, bicho-papão, saci, dragão, homem da floresta, vampiro, diabo, múmia e homem-gorila. É também o ambiente de anões, bruxas, fantasmas, selvagens homens nativos, geralmente praticantes de canibalismo, e bandidos. Apresenta-se como local cheio de obstáculos como espinhos, pântanos, cachoeiras, formigueiros, plantas carnívoras, areia movediça e doenças, o que torna sua travessia ainda mais difícil. Algumas vezes a floresta torna-se antropomórfica, com olhos e braços prontos para o ataque, ameaçando profundamente o herói. Um exemplo bastante claro desse caso é a história da Branca de Neve, onde a heroína fica muito assustada em sua travessia à noite pela floresta.

Essa imagem da floresta é encontrada em todos os grupos, principalmente 1.2 (Disney), 1.4 (Urbano – Heróis) e 2.2 (Natureza – Heróis). Vale notar novamente que a floresta é a própria moradia dos personagens do grupo 2.2 e mesmo assim é, muitas vezes, apresentada com imagem negativa.

"No meio da floresta indevassável (...) Eram dois olhos selvagens e maliciosos que reluziam fosforescentes... Eram olhos de uma fera bravia, selvagem entre as mais selvagens que, espantada, delirava. E era nesse ambiente terrífico e inóspito, trágico em sua grandiosidade, que um menino vinha à luz do dia (nascimento de Tarzan)" (*Tarzan*, (1) : 2, jul. 1951).

Figura 1*



Almanaque Disney, Huguinho, Zezinho e Luizinho. São Paulo, ed. extra, (107) : 6, maio 1980.

Figura 2



Tio Patinhas. São Paulo, (177) : 31, abr. 1980.

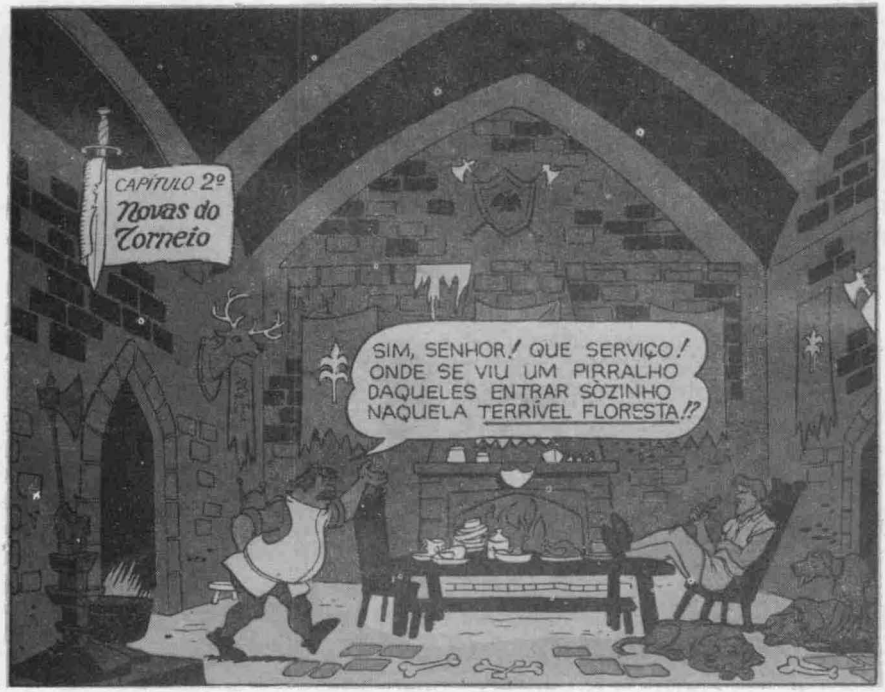
* Os destaques nas ilustrações são das autoras.

Figura 3



Luluzinha. São Paulo, (13) : 7, jul. 1975.

Figura 4



Almanaque Disney. São Paulo, (7) : 21, nov. 1971

3.2 *Deserto*

Figura 5



Mickey. Natal Disney de Ouro. São Paulo, n. esp. (3) : 103, dez. 1981.

Aparece principalmente como um local insuportável devido ao excessivo calor e à falta de água. Contém muitas vezes bichos indesejáveis, como escorpião e rato, ou monstros e criaturas más. Funciona, quase sempre, como um obstáculo ao herói durante a realização de seus feitos ou um castigo.

Não foi um ambiente muito freqüente nas histórias, sendo que se destaca em títulos cujos personagens estão envolvidos em aventuras tipo "bandido-mocinho", onde haja algumas incursões em ambientes naturais, ou seja, nos grupos Disney (1.2) e Natureza — Heróis (2.2). Ocorre também no Urbano — Heróis (1.4), onde as incursões ao ambiente natural são mais raras, e no grupo 1.1, quando os personagens envolvem-se em aventuras do tipo citado.

3.3 *Rio*

"Jumbo e Katina a tudo assistem nervosamente, sem poder ajudar Rex. Eles sabem que se entrarem na água serão devorados pelos crocodilos" (Rio dos crocodilos). (*Fantasma*, (183) : 9, 1971).

Também funciona como um obstáculo à passagem do herói no seu combate ao mal. Os impedimentos ficam por conta da presença de crocodilos, principalmente, ou em segundo plano, de piranhas, correntezas e outros perigos não identificados. Esse ambiente é encontrado nos grupos 1.2, 1.4 e 2.2 em que as histórias tipo "bandido-mocinho" são freqüentes.

3.4 *Caverna*

A caverna surge como um buraco escuro que abriga o desconhecido misterioso e amendrontador. Sabendo-se que o homem valoriza muito o sentido da visão, o local escuro o deixa sem uma de suas principais ferramentas de classificação do mundo e exposto, assim, a objetos ou acontecimentos não classificados e, por isso, profundamente ameaçadores (Rodrigues, 1980). Surge nos grupos 1.1 e 1.2 onde personagens infantis deparam-se com o mistério em suas aventuras de exploração. Mesmo assim não é um ambiente muito freqüente nas histórias em quadrinhos.

3.5 *Ilha*

" ... dar voltas na ilha para ver se tem algum monstro." (*Tio Patinhas*, (116) : 8–9, mar. 1975).

As ilhas são locais geralmente inexplorados e com riquezas que atraem os heróis exploradores em suas aventuras. Essas riquezas, no entanto, são defendidas pelos habitantes das ilhas, os animais ferozes e canibais. Algumas vezes, funcionam como local isolado, utilizado por bandidos (figuras más em geral) como esconderijo. Esse ambiente não foi muito freqüente nas histórias lidas e surgia com esse enfoque nos grupos 1.2 (Disney) e 1.4 (Urbano – Heróis). No grupo Disney refere-se principalmente às histórias do Tio Patinhas em sua procura obcecada por dinheiro.

3.6 Rochedo e montanha

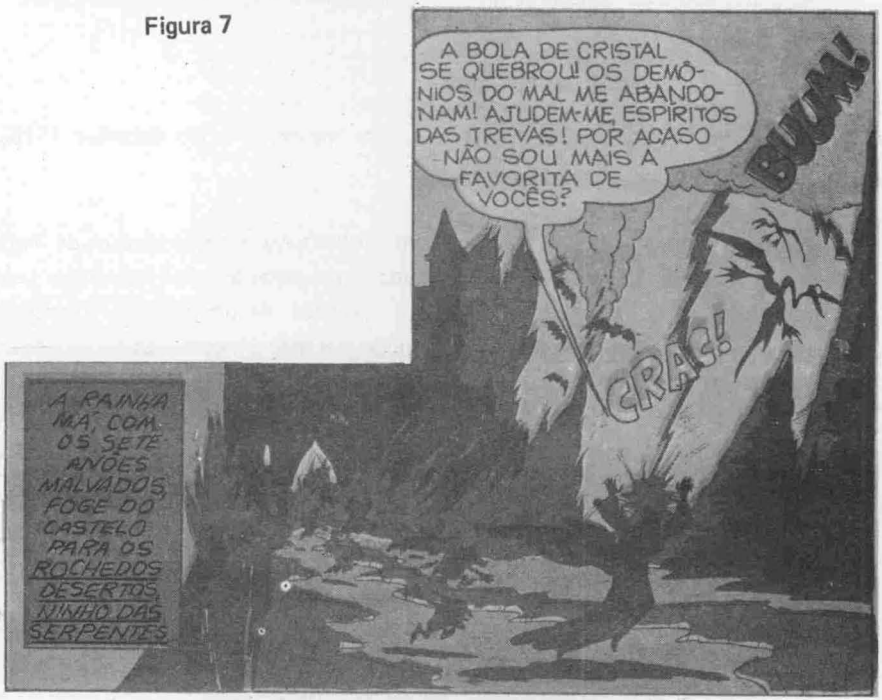
Figura 6



Almanaque Disney. São Paulo, (117) : 31, fev. 1981.

Surgem, geralmente como obstáculo perigoso a ser transposto. São locais desertos onde o herói convive com o perigo físico solitariamente. Às vezes, para acentuar o efeito de obstáculos, os rochedos são povoados por criaturas assustadoras. Em alguns casos apresentam comportamento antrópico, tomando forma humana e assustando seus "invasores". São encontrados, não muito freqüentemente, nos grupos 1.2, 1.3 e 1.4.

Figura 7



Almanaque Disney. São Paulo, (3) : 31, mar. 1971.

3.7 *Lago*

"É o lago Swana – lago dos maus espíritos. Nisso um barulho na água. Homem: a lanterna! Poderá ser um crocodilo ou um hipopótamo." (*Suplemento Juvenil*, (742) : 13, set. 1939).

Figura 8



Astros H.B. São Paulo, ed. esp. bimestral, (13) : 12, dez. 1981.

O lago surge nas histórias em quadrinhos com duas imagens distintas. Uma delas é associada a lazer, passeios de barco e piqueniques, onde aparece cheio de luz e agradável; podemos observar esses casos nas histórias Disney, quando Donald leva os sobrinhos e a Margarida para passearem. A outra imagem é bastante diferente, sendo o lago associado ao pântano. É escuro e com fundo constituído por areia movediça, de onde as pessoas precisam ser salvas. É um obstáculo cheio de surpresas e armadilhas, muitas vezes habitado por jacarés. Essa imagem foi observada nos grupos 1.4 e 2.2, onde funciona como armadilha para o bandido ou para atrasar a busca do herói, tornando seu feito ainda mais corajoso e admirável.

3.8 *Mar*

O mar é muitas vezes um local de surpresas onde monstros surgem ameaçando incautos navegadores a caminho de suas aventuras. Essa imagem foi encontrada nos grupos 1.4 e 2.2.

3.9 *Pântano*

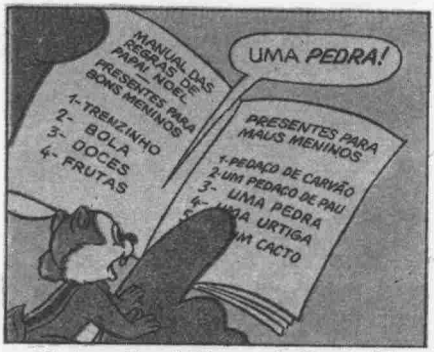
"A Polônia é uma terra de grandes pântanos (...) de pântanos que encerram tenebrosos segredos (...) segredos que os nazistas gostariam de esquecer quando o dia da libertação chegar!" (*Gibi mensal*, p. 91, mar. 1944).

Depois da floresta, o pântano é o ambiente natural mais freqüente nas histórias em quadrinhos. É um local principalmente malcheiroso (insalubre), sombrio e traiçoeiro, sendo seu solo constituído por areia movediça capaz de aprisionar pessoas. É amedrontador e perigoso, pois é habitado por crocodilos, cobras, monstros, bruxas e fantasmas. Além disso, é bastante utilizado como esconderijo de bandidos. O pântano é, nas histórias em quadrinhos, um ambiente a ser evitado por ser exclusivamente negativo. Surge em todos os grupos, exceto em 1.1 onde os ambientes são mais suaves e as aventuras vividas por crianças. É mais freqüente nos grupos 1.2, 1.4 e 2.2, onde aparece em aventuras mais arriscadas e emocionantes. Vale ressaltar sua alta ocorrência no grupo 2.2, onde, mesmo com os heróis morando em ambientes naturais, o pântano é algo estranho e amedrontador.

" (...) tirou das pernas várias sanguessugas que se tinham agarrado a elas durante a sua passagem pelos pântanos. Em seguida afastou com a mão os mosquitos que zumbiam a seu redor. Resolutamente, o 144 caminhou através das plantas espinhosas que rasgavam suas roupas e suas carnes (...)" (*Gibi*, (302) : 9, mar. 1941).

3.10 *Plantas*

Figura 9



Mickey. Natal Disney de Ouro. São Paulo, ed. esp. (3) : 110, dez. 1981.

Algumas plantas adquiriram uma imagem popular deturpada e negativa, que é retratada nas histórias em quadrinhos. Há plantas tidas como indesejáveis, isto é, que incomodam e sua presença é perturbadora, sem agredirem diretamente. São elas: ervas-daninhas, urtiga, cactos, cogumelos, plantas com espinhos, musgos e capim. Outras vezes, essas mesmas plantas, associadas a outras, são tidas como perigosas, isto é, diretamente agressivas, que podem machucar. São elas: plantas carnívoras, urtiga, ervas, orquídeas, trepadeiras. As mesmas plantas surgem, algumas vezes, como venenosas, capazes de intoxicar (urtiga, cogumelo, ervas e raízes). São dotadas também de comportamento antrópico, fato que ocorre mais freqüentemente com cactos, plantas carnívoras e cogumelos, sendo a elas atribuídos adjetivos como má, assassina e vingativa. Outras vezes, as plantas adquirem formas humanas (antropomorfismo) ameaçando com braços, olhos e bocas — o que é comum em árvores da floresta. Assim, pode-se observar que os cactos, urtigas, cogumelos, ervas e plantas carnívoras se repetem nas várias categorias com uma conotação irreal e negativa. Essas conotações surgem em todos os grupos e são mais freqüentes no grupo 1.4, onde surgem tomando forma de bandidos ou ameaçando os heróis. São também freqüentes no grupo 1.2, onde fazem parte das poções das bruxas, ou são usadas como armas contra os inimigos.

Figura 10



Almanaque Disney. São Paulo, (3) : 18, mar. 1971.

Figura 11



Os Flintstones. São Paulo, (16) : 42, jul. 1981.

3.11 *Animais*

Figura 12



Almanaque Disney. O Pato Donald. São Paulo, ed. esp., (23) : 56, abr. 1973.

Nas histórias em quadrinhos a imagem do animal é a de um ser perigoso. Esse enfoque alcançou 39% dos predicados atribuídos à fauna, chegando mesmo, no grupo 2.2, a mais de uma ocorrência por revista. O único grupo de revistas em que esse item não teve destaque máximo foi no 1.1, onde o animal passa a ser encarado como indesejável, por ser, por excelência, um elemento estranho na paisagem urbana, característica desse grupo.

Sua presença está sempre ligada a perigo iminente e os felinos (onça, jaguar, pantera, tigre, leão, etc.) foram aqueles que mais se destacaram, com exceção do grupo 2.1, onde estiveram em segundo lugar. O jacaré é tido também como perigoso, mas em bem menor escala, sendo seguido pelo urso, cobra, lobo, tubarão e touro.

Mais uma vez o homem urbano ocidental — por estar desacostumado ao contato com a natureza e, por conseguinte, com a fauna silvestre — caricatura o animal, desconhecido para ele, como algo perigoso, que pode destruí-lo e/ou comê-lo.

Figura 13



Almanaque Disney. São Paulo, (114) : 111, nov. 1980.

Nota-se que os animais tidos como mais perigosos têm garras ou dentes poderosos (felinos, urso, jacaré, tubarão e lobo), são fortíssimos (felinos, urso, jacaré, tubarão e touro), muito ágeis e astutos, podem atacar inesperadamente (felinos, cobra, lobo) e têm porte avantajado (felinos, urso, jacaré, tubarão e touro).

Estando as histórias em quadrinhos intimamente ligadas às criações imaginárias, os monstros são figuras constantes nas aventuras. Sua incidência maior foi no grupo 1.4, seguido por 2.2 e 1.2. Notou-se que no grupo 1.3 só aparecem no ambiente da floresta, tendo sido considerado item daquela matriz. Mesmo nas revistas onde o ambiente natural é cenário predominante, estando o homem acostumado com a presença dos animais, estes são vistos como monstruosos. No grupo 1.4 a monstruosidade dos animais está ligada a mais um grande empecilho que o herói terá que sobrepujar.

Os animais considerados mais freqüentemente como monstruosos foram o polvo, que aparece agigantado, com enormes braços que podem envolver a presa; o dragão, figura enorme, feia, forte, que solta fumaça pelas narinas e pode agarrar alguém; a baleia, que além de seu porte avantajado e sua enorme boca, é apresentada com aspecto amendrontador; os gorilas e macacos, devido principalmente ao porte e à força; o jacaré, por ser grande, feio e possuir enorme boca repleta de dentes, pronta para devorar uma pessoa; o peixe, que surge hipertrofiado e assustador.

Seção "Assim é a natureza":
"No vale do Amazonas há formigas do tamanho de um dedo indicador capazes de matar com dentadas os seres humanos." (*Gibi Mensal*, n. 120, mar. 1951).

Figura 14



O Pica-Pau. São Paulo, (37) : 15, abr. 1981.

Embora o animal tenha sido *persona non grata* em todos os tipos de revistas, é no grupo das urbanas que esta indesejabilidade se concentra. Os mais diversos animais foram assim caracterizados, porém os que sobremodo incomodam são os insetos que aparecem com uma imagem única, ou seja picando, provocando coceira e fazendo barulho irritante; os vermes, por serem úmidos, moles, frios e rastejantes, dada a dificuldade do homem em lidar com objetos que não estejam claramente classificados, como é o caso daqueles situados em interstícios do sistema classificatório (Rodrigues, 1980). Assim, o quente associa-se à vida e o frio à morte. O sapo, a rã e o verme são frios, encaixando-se, portanto, nessa situação. Além disso, a consistência mole do corpo dos vermes encontra-se entre o sólido e o líquido, o que provoca o mesmo tipo de reação humana.

Figura 15



Mônica. São Paulo, (130) : 51, fev. 1981.

As aventuras do Chiquinho: "Chiquinho viu numa árvore um lindo tié-sangue e zás (...) atirou e matou-o. Pressurosos, os dois peraltas correram a apanhar a pobre avezinha que caíra (...) horror! (...) junto a um sapo. Tomados de pavor saíram os caçadores a correr pelo mato, saltando pedras, sempre supondo ter o sapo em sua perseguição e (...)" (*O Tico-Tico*, n. 1.015, mar. 1925).

Predicados de determinados animais são usados de forma depreciativa, servindo para agredir alguém verbalmente. Assim, ser xingado de burro é altamente ofensivo, já que este é considerado, pelo homem, um animal pouco inteligente; de verme são rotuladas as pessoas viscosas, com qualidades inferiores, equiparando-se-as a um ser rastejante; de serpente, alguém traiçoeiro, porque esse animal, para conseguir alimento, ataca sua presa repentinamente. É comum surgirem símbolos iconográficos de cobras ao lado de caveiras, etc., nos balões, quando se está praguejando contra algo ou alguém. O xingamento utilizando depreciações dos animais foi um recurso empregado em todos os grupos de revistas, sem acentuadas diferenças nem intensidades.

Figura 16



O Recruta Zero. Rio de Janeiro, (197) : 21, jan. 1979.

O estudo do comportamento animal é relativamente novo e, até os dias de hoje, a maioria dos seres humanos só é capaz de interpretar o comportamento dos animais se o compara com seus próprios atos. Assim são transferidos aos animais sentimentos desagradáveis, que o próprio homem tem dificuldade para assumir.

É menos conflitante atribuir a fúria ao gorila; a traição aos felinos, à hiena, à cobra; a maldade ao lobo. Outras atitudes freqüentemente atribuídas aos animais foram vingança, gula e burrice. Esses enfoques ocuparam a segunda posição em freqüência e estiveram presentes em todos os grupos de revistas.

Figura 17



Almanaque Disney. São Paulo, (113) : 100, out. 1980.

"Mas essa aparente mansidão é ilusória. Muitíssimo traiçoeiro, o crocodilo escolhe os lugares que servem de bebedouro aos animais de que ele se alimenta. E quando a presa incauta mergulha o focinho na água, o terrível monstro a abocanha." (*Tarzan*, (34) : 20, abr. 1954).

Por ser o homem ocidental urbano essencialmente explorador, esperava-se que a visão utilitária fosse mais freqüente, mas somente surgiu nas histórias 1.2 e 1.3 pois, tendo o dinheiro nesses grupos importância fundamental, os valores dos animais são atribuídos em decorrência de seus potenciais econômicos.

Certos animais foram rotulados como portadores de sorte — como o grilo, o pé de coelho — ou de azar — como o gato preto, a gralha, o morcego e a coruja. Foi um dos enfoques de menor relevância, surgindo em maior número nas histórias urbanas infantis.

Figura 18



O Pato Donald. Disney Especial – Férias. São Paulo, n. esp., (1.568) : 214, nov. 1981.

Aspectos do comportamento peculiar a determinados animais são utilizados para conceituar atitudes do ser humano. Essas expressões fazem parte do dito popular como por exemplo: ser manso como um carneiro, bobo como um pato, bruto como um touro, astuto como uma raposa, dizer cobras e lagartos quando se pretende falar mal de alguém. Essas conotações estiveram presentes essencialmente nas histórias urbanas infantis que estão muito distantes do convívio com esses animais. Tem-se, dessa forma, um meio mais fácil de rotular determinadas atitudes.

"Um dia o Pedro fica quieto como um rato (...) e no dia seguinte acorda irritado como um urso e come como um cavalo." (*Pimentinha*, (1) : 47, fev. 1977).

Figura 19



Almanaque Disney. São Paulo, (120) : 23, maio 1981.

Destacaram-se realmente no grupo Urbano – Juvenil – Heróis os nomes de animais dados aos vilões. Exemplo marcante é o do rato, atribuindo-se ao hábito de pegar objetos e carregá-los para sua toca uma equivalência ao furto. Um esconderijo de bandidos é chamado de "covil das serpentes", o que se liga à visão antropocêntrica de que a serpente é má e ataca de surpresa. Essas denominações nos demais tipos de revistas apresentaram-se sem grande incidência.

Certos animais foram qualificados como venenosos mas, se comparada com a das plantas, a freqüência dessa atribuição foi em bem menor proporção e só ocorreu nos grupos 1.3 e 1.4, sem haver destaque para qualquer animal, em particular.

4. Conclusões

O objetivo primeiro do trabalho é analisar a visão da natureza através da história em quadrinhos. Esse objetivo estende-se a uma constatação de pensamentos e sentimentos do homem ocidental urbano em relação ao meio-ambiente natural.

As visões negativas da natureza abrangem grande proporção do total das histórias e por isso foram aqui consideradas como dominantes e representativas da visão do ambiente natural pela história em quadrinhos. A título de comparação foram destacados os enfoques positivos encontrados no decorrer da pesquisa, sendo considerados positivos os enfoques nos quais os elementos naturais eram valorizados. Como se pode observar na tabela 2, estes representam uma proporção muito reduzida em relação ao total.

Tabela 2

	1.1	1.2	1.3	1.4	2.1	2.2	Total
Total de enfoques negativos	193	407	179	507	68	413	1.767
Total de enfoques positivos	21	3	10	15	2	3	54
Total de revistas lidas	207	270	202	377	44	148	1.248

Excetuando-se a marcada visão negativa, o ambiente natural funciona, em grande parte do restante das histórias, como mero pano de fundo onde não há interação real entre os personagens e a natureza, cujos aspectos aparecem como compartimentos estanques; a idéia de movimento e interação entre eles fica, na maioria das vezes, esquecida. Nos exemplos considerados positivos encontramos alguns realmente sensibilizantes, onde o amor e respeito do personagem pela natureza é bastante claro (*Cebolinha*, (102) : 61). Mas, infelizmente, esses são raros, e, na maioria das vezes, a relação positiva liga-se a uma natureza urbanizada (*Cebolinha*, (18) : 32–3) e os padrões de valorização são claramente utilitários, ou seja, a natureza é valorizada por aquilo que pode fornecer ao homem (*Mônica*, (130) : 23). Assim mesmo, essa valorização surge excessivamente racional, didática e exagerada, provocando emoções negativas ao invés de positivas (como supostamente se pretende?).

Figura 20



Cebolinha. São P[illegible] (102) 61, jun. 1981.

Na amostragem realizada, as histórias em quadrinhos estudadas não apresentam diferença significativa entre os grupos cujas histórias se passam na cidade e os grupos onde o ambiente dos personagens é a natureza. A diferença apresentada no grupo 2.2 deve-se ao fato de, neste grupo, a natureza ser o cenário quase exclusivo das aventuras arriscadas. Isto enfatiza a realidade de a história em quadrinhos ser uma mídia urbana onde todos os ambientes naturais são vistos do ponto de vista do citadino que tem pouco ou nenhum contato real com a natureza virgem. Essa característica atual é decorrente da desvinculação, cada vez maior, do binômio homem-natureza, quando se torna praticamente impossível ao homem ocidental urbano conceber-se vivendo em ambiente natural. Assim, a visão da natureza na história em quadrinhos é sempre distorcida, onde somente os ambientes urbanizados ou com qualquer tipo de interferência antrópica são vistos como agradáveis e não ameaçadores. Ou seja, a imagem valorizada da natureza é, por exemplo, a de

Figura 21

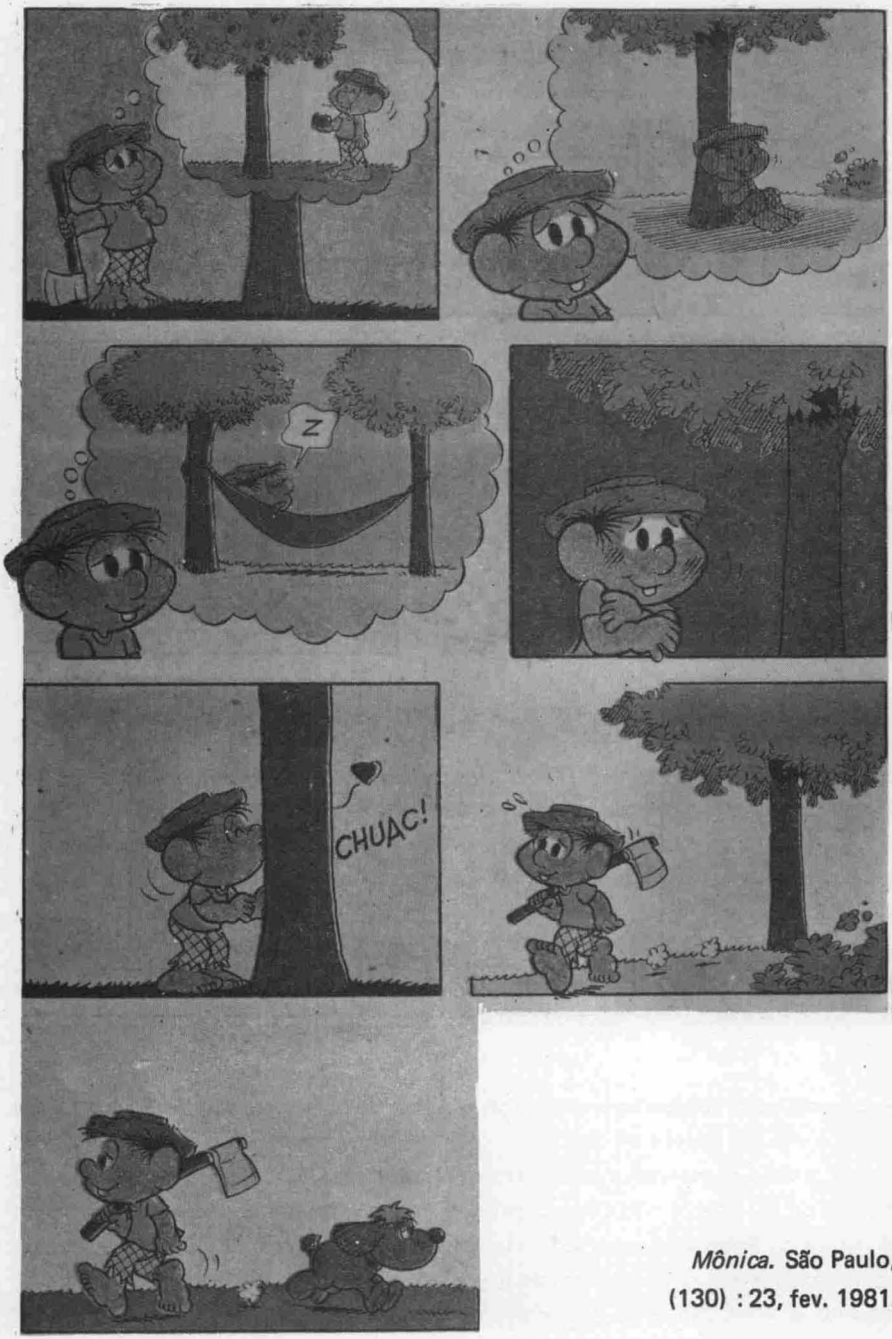


Cebolinha. São Paulo, (18) : 32–3, jun. 1974.

um parque com árvores dispostas espaçadamente, situadas em locais preestabelecidos, com muita claridade presente. Então, uma falsa consciência ecológica "cria os clubes de férias, nos quais os ricos vão mergulhar em elementos naturais, vão se evadir das dificuldades urbanas, descobrir os modernos paraísos, esses ecossistemas artificiais que escondem, e ao mesmo tempo revelam, a morte da natureza" (Rodrigues, 1983). Vemos aí presente, de forma bastante clara, o interesse do sistema capitalista em afastar o homem da natureza virgem, pois qualquer ligação ou aproximação nesse sentido afastaria o homem dos bens de consumo produzidos na cidade.

São feitas, pelos meios de comunicação em geral, determinadas caricaturas da natureza pondo-a em contraposição aos padrões citadinos. Por exemplo: a floresta surge como escura, contrapondo-se à cidade clara e iluminada; o medo de se perder na floresta contrapõe-se às cidades excessivamente sinalizadas; a natureza e seus habitantes "estranhos" amedrontam quando comparados às cidades e sua moda padronizada.

Figura 22



Mônica. São Paulo, (130) : 23, fev. 1981.

Quando um ambiente natural é considerado virgem nas histórias em quadrinhos, é sempre associado a perigo. Tal periculosidade refere-se, de acordo com as histórias lidas, principalmente ao medo de se ser aprisionado pelo lugar, com a constatação de que seria terrível ter que ficar para sempre na natureza virgem. Sendo a natureza realmente desconhecida pelo homem urbano, no seu contato com ela fica evidenciada a insegurança que o ser humano, como indivíduo, tem em lidar com o que ele não conhece, tornando-se esse desconhecido um objeto de fantasias de perigo e, sempre que o ambiente natural surge nas aventuras, funciona como inimigo. Com tais princípios arraigados, como o homem seria capaz de respeitar e lutar pela preservação de algo que o ameaça profundamente e que está associado a suas fantasias de medo? A natureza passa a despertar, então, impulsos de destruição, mesmo que inconscientes, apesar de todos os movimentos, estudos e esclarecimentos sobre sua valorização e conservação. Assim, o homem tenta esconder de qualquer modo suas ligações com a natureza que o inferiorizam, ou seja, seus ciclos (por exemplo, ciclo menstrual), odores, etc. Sob esse prisma podemos imaginar por que nas histórias em quadrinhos o pântano surge como fedorento e essa característica é extremamente ressaltada. Incomoda o homem urbano, remetendo-o a seus odores corporais. O homem urbano de um modo geral pode até respeitar teoricamente os valores naturais enquanto se considera esclarecido. Entretanto, é algo tão afastado dele que esse respeito está de todo desvinculado do lado emocional e, conseqüentemente, ativo.

A natureza é sempre um obstáculo na história em quadrinhos já que é realmente tida pelo homem como um obstáculo à sua cultura, ou seja, algo que se opõe a ela. Para o homem é difícil suportar essa oposição pois não consegue lidar com ela. Então, torna a natureza um inimigo a ser conquistado (como nas guerras) e a cultura desse inimigo vai ser incorporada e dominada pela sua própria cultura. O espírito de conquista e dominação é característico do homem ocidental. Devido à necessidade de dominar os processos naturais, o homem desvaloriza a natureza, pois ela tem processos que ocorrem fora de seu controle (por exemplo, dia e noite, passagem do tempo, mudança de clima, etc.).

A preocupação conservacionista surge algumas vezes, mas é relativa não à natureza em si, e sim aos benefícios que, para o homem da cidade, podem dela provir. Dessa forma, a visão conservacionista prende-se à necessidade que o homem tem de água, pureza de ar, lazer, e não a um impulso de convívio harmônico e de interação com a natureza. Além disso, para o sistema capitalista, com seus produtos cada vez mais descartáveis, não interessa, de forma alguma, a preservação de qualquer coisa, mesmo, e principalmente, do ambiente natural.

A visão dos personagens de história em quadrinhos é também antropocêntrica, ou seja, as plantas e os animais não são vistos como formas de vida distintas, mas sempre comparados ao homem e inferiorizados em relação a ele. Outro fato a ressaltar é que a maioria dos animais e dos ambientes naturais retratados não é brasileira. Isso se deve ao fato de as histórias serem, na sua maioria, traduzidas, o que se explica por ser a tradução muito mais barata do que a sua produção no Brasil. Mesmo quando são adaptadas à realidade brasileira, não há preocupação quanto ao enfoque natural, procedendo-se somente a adequações de situação e de linguagem. Ainda são muito comuns as histórias com neve e outros cenários alienígenas. Formam-se conceituações tão distorcidas que quando se solicita a uma criança exemplificação de animais conhecidos, os primeiros a serem citados são o leão, o tigre, o elefante, etc.

Vale ressaltar que, a partir dos anos 70, revistas escritas no Brasil já levam em conta a preocupação com o meio-ambiente e a adequação de cenários, como é o caso das revistas criadas pela equipe de Maurício de Souza, que desenvolvem até mesmo campanhas em prol do meio-ambiente e principalmente de respeito à natureza. Podem, entretanto, ser considerados casos isolados e retratam a preocupação de uns poucos grupos a partir da época em que se avultaram, em todo o mundo, os movimentos em prol do meio-ambiente.

Bibliografia

Andrade, C. D. de. Da utilidade dos animais. In: *De notícias e não notícias faz-se a crônica*. 2. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.

Anselmo, Z. A. *Histórias em quadrinhos*. Petrópolis, Vozes, 1975. 180 p.

Augusto, S. et alii. Quadrinhos: literatura do século. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, *7* : 577–629, 1969.

Bates. *A floresta e o mar*. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1960. 234 p.

Barthes, R. *Elementos de semiologia*. São Paulo, Cultrix, 1977. 116 p.

Boletim Informativo, Rio de Janeiro, Fundação Movimento Universitário Econômico e Social – Mudes, *5* (7) : 6–9, 1973.

Cirne, M. Conteúdo das revistas em quadrinhos no Brasil. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, n. esp., jul. 1969.

———— . *Para ler os quadrinhos*. Petrópolis, Vozes, 1972. 99 p.

———— . Mafalda: prática semiológica e prática ideológica. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, *7* : 563–70, 1973.

———— . Os novos quadrinhos brasileiros: informação. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, *7* : 581–4, 1973.

———— . Semiologia e especificidade dos quadrinhos. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, *10* : 787–94, 1974.

———— . *A linguagem dos quadrinhos*. 3. ed. Petrópolis, Vozes, 1975.

———— . *A explosão criativa dos quadrinhos*. 5. ed. Petrópolis, Vozes, 1977. 81 p.

Dorfman, A. & Jofré, M. *Super-homem e seus amigos do peito*. Trad. Robert Moses Pechman e F. Doctors. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978. 170 p. (Coleção Pensamento Crítico, v. 25.)

———— . & Mattelart, A. *Para ler o Pato Donald*; comunicação de massa e colonialismo. Trad. A. de Moya. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980. 135 p.

Douglas, M. *Pureza e perigo*. s.1., Perspectiva, 1970. 232 p. (Coleção Debates.)

Eco, U. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo, Perspectiva, 1970.

———— . *O signo*. Lisboa, Presença, 1977. p. 7–33.

Epopéia. Rio de Janeiro, Brasil-América, 1970. 31 p.

Fernandes, A. Quadrinhos: do rolo entintador à caixa que fala. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, *7* : 584–7, 1973.

Goode, W. J. & Hatt, P. K. *Métodos em pesquisa social*. 3. ed. São Paulo, Nacional, 1969. 492 p.

Katz, C. S. Ideologia e centro nas histórias em quadrinhos. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, *7* : 521–35, 1973.

Leach, E. Anthropological aspects of language: animal categories and verbal abuse. In: Lenneberg, E. H., ed. *New directions in the study of language.* Cambridge, Mass., The MIT Press, 1969. p. 23–64.

Lenko, K. Crendices e proteção à fauna. *Caça e Pesca*, n. 33, 1966.

Luz, M. A. Tarzan, o homem-macaco. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, p. 545–60, 1973.

Miranda, O. *Tio Patinhas e os mitos da comunicação*. 2. ed. São Paulo, Summus, 1978. 185 p.

Morris, M. *Reino encantado das histórias em quadrinhos*. Rio de Janeiro, Brasil-América, 1955.

Mota, M. Os bichos na fala da gente. 2. ed. Brasília, INL/Tempo Brasileiro, 1978. 204 p.

Neves, L. F. B. Críticas às leituras formalistas da ideologia.

Revista de Cultura Vozes, Petrópolis. *7* : 537–43, 1973.

———— . Economia e sociedade em Bongo-Bongo. In: *Arte e linguagem*. Petrópolis, Vozes, 1973.

Notícias em quadrinhos há 40 anos. Rio de Janeiro, Brasil-América, 1974. 26 p.

Novaes, C. E. Se correr o bicho pega. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 de nov. 1981.

Pfromm, Netto, S. *Comunicação de massa*. São Paulo, Pioneira, 1972.

Plum, W. Ciências naturais e técnica a caminho da revolução industrial. *Cadernos do Instituto de Pesquisas da Fundação Friedrish – Ebert*, Bonn, 1979. 156 p.

Raymond, A. *Flash Gordon no Reino das Cavernas*. Rio de Janeiro, Brasil-América, s.d. 60 p.

Revista de Cultura Vozes. O mundo dos super-heróis. Petrópolis, Vozes, n. esp., 2. tir., 1971.

Rocha, E. P. G. *Magia e capitalismo; um estudo antropológico da publicidade*. Dissertação de mestrado em antropologia social, Museu Nacional da UFRJ. Rio de Janeiro, UFRJ, 1982. 240 p.

Rodrigues, J. C. *Tabu do corpo*. 2. ed. Rio de Janeiro, Achiamé, 1980. 174 p.

————. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1983. 296 p.

Speidel, G. Comparativo histórico entre os problemas de conservação do meio-ambiente no Brasil e na Europa. In: Simpósio Nacional de Ecologia, Curitiba, Instituto de Terras e Cartografia, *1* : 42–9, 1978.

Strauch, L. M. de M. Educação e comportamento espacial. *Revista Brasileira de Geografia, 42*(1) : 31–51, 1980.

Revistas consultadas

Almanaque do Capitão América, n. 29, out. 1981; n. 30, nov. 1981.

Almanaque do Cascão, n. 1, fev. 1979.

Almanaque Disney, n. 3, mar. 1971; n. 4, maio 1971; n. 5, jul. 1971; n. 7, nov. 1971; n. 9, fev. 1972; n. 11, abr. 1972; n. 13, jun. 1972; n. 14, jul. 1972; n. 22, mar. 1973; n. 23, abr. 1973; n. 32, jan. 1974; n. 37, jun. 1974; n. 45, fev. 1975; n. 50, jul. 1975; n. 59, abr. 1976; n. 67, dez. 1976; n. 74, jul. 1977; n. 79, dez. 1977; n. 87, ago. 1978; n. 91, dez. 1978; n. 93, fev. 1979; n. 100, set. 1979; n. 103, dez. 1979; n. 105, fev. 1980; n. 106, mar. 1980; n. 107, abr. 1980; n. 111, ago. 1980; n. 113, out. 1980; n. 114, nov. 1980; n. 116, jan. 1981; n. 117, fev. 1981; n. 119, abr. 1981; n. 120, maio 1981; n. 125, out. 1981; n. 126, nov. 1981.

Almanaque do Fantasma, n. 14, jul./ago. 1979.

Almanaque Hanna Barbera Especial, n. 1, jun. 1978; n. 3, dez. 1978; n. 6, jun. 1979; n. 7, out. 1979.

Almanaque Luísa, n. 1, set. 1980.

Almanaque Lulu e Bolinha, n. 4, jan. 1980; s.n., maio 1980; n. 7, jun. 1981.

Almanaque Mandrake, n. 2, jan. 1980; n. 3, abr./maio 1980; n. 6, jan. 1981; n. 8, jul./ago. 1981.

Almanaque das Meninas, n. 1, jan. 1979.

Almanaque da Mônica, n. 9, maio de 1981; n. 10, set. 1981; n. 11, nov. 1981.

Almanaque do Pica-Pau, n. 4, abr. 1981.

Almanaque do Riquinho, n. 1, s.d.

Almanaque d'o Tico-Tico, 1948.

Almanaque Tio Patinhas, n. 30, jan. 1968.

Almanaque Zero, n. 1, s.d.; n. 4, jul./ago. 1980; n. 6, fev. 1981; n. 7, s.d.

Astros Hanna Barbera, n. 1, maio 1980; n. 5, dez. 1980; n. 7, abr. 1981; n. 12, nov. 1981; n. 13, dez. 1981.

Batman, n. 1, mar. 1953; n. 8, out. 1953; n. 12, fev. 1954; n. 20, out. 1954; n. 25, maio 1955; n. 33, nov. 1955; n. 38, abr. 1956; n. 43, set. 1956; n. 47, jan. 1957; n. 53, jul. 1957; n. 59, jan. 1958; n. 62, abr. 1958; n. 66, ago. 1958; n. 67, set. 1958; n. 73, mar. 1959; n. 82, dez. 1959; n. 87, maio 1960; n. 91, set 1960; n. 100, jun. 1961; n. 1, jul. 1961; n. 3, set 1961; n. 6, dez. 1961; n. 9, mar. 1962; n. 15, set. 1962; n. 41, mar. 1973; n. 50, dez. 1973; n. 51, jan. 1975; n. 58, ago. 1975; n. 41, out. 1979; n. 48, maio 1980; n. 50, jul. 1980.

Bionicão, n. 1, jul. 1978; n. 4, out. 1978; n. 7, jan. 1979; n. 9, abr. 1979.

Bolinha, n. 6, jan. 1976; n. 10, set. 1976; n. 13, mar. 1977; n. 16, set 1977; n. 18, jan. 1978; n. 24, jul. 1978; n. 31, fev. 1979; n. 34, maio 1979; n. 45 abr. 1980; n. 53, dez. 1980; n. 54, jan. 1981; n. 57, abr. 1981; n. 58, maio 1981; n. 60, jul. 1981; n. 64, nov. 1981.

Bolota, n. 4, maio/jun. 1968; n. 7, set. 1968; n. 18, jul. 1969; n. 19, ago. 1969; n. 27, mar. 1970; n. 31, jul. 1970; n. 47, 1971; n. 50, 1971; n. 51, 1972; n. 58, 1972; n. 68, 1973; n. 73, 1973; n. 82, 1974; n. 89, 1974; n. 96, 1975; n. 97, 1975; n. 99, 1975; n. 102, 1975; n. 108, 1976; n. 112, 1976; n. 119, 1977; n. 124, 1977; n. 130, 1978; n. 136, set. 1978; n. 5, dez. 1980; n. 6, jan. 1981; n. 11, jul. 1981; n. 12, ago. 1981.

Brasinha, n. 28, fev. 1977; n. 32, jul. 1977; n. 38, jan. 1978; n. 44, set. 1978; n. 53, abr. 1979; n. 56, jul. 1979; n. 63. fev. 1980; n. 69, ago. 1980; n. 70, set. 1980; n. 75, fev. 1981; n. 80, jul. 1981.

Brotoeja, n. 1, 1968; n. 4, jun./jul 1968; n. 15, 1969; n. 20, out. 1969; n. 25, fev. 1970; n. 31, ago. 1970.

Cacá e sua Turma, n. 2, abr. 1977; n. 5, out. 1977; n. 7, fev. 1978; n. 8, jul. 1978; n. 1, fev. 1980; n. 4, maio 1980; n. 7, ago. 1980; n. 12, fev. 1981; n. 14, abr. 1981; n. 15, maio 1981.

Capitão América, n. 2, jul. 1979; n. 6, nov. 1979; n. 11, abr. 1980; n. 19, dez. 1980; n. 22, mar. 1981; n. 24, maio 1981; n. 25, jun. 1981; n. 29, out. 1981.

Capitão Marvel Magazine, s.n. jul./ago. 1955; n. 9, maio/jun. 1956; n. 14, mar./abr. 1957; n. 21, maio/jun. 1958; n. 29, set./out. 1959; n. 32, mar./abr. 1960; n. 40, 1961; n. 48, 1962; n. 50, 1963; n. 56, 1964; n. 63, 1965; n. 68, 1965; n. 18, 1966; n. 80, 1966; n. 86, 1967; n. 90, 1967; n. 94, 1968; n. 98, 1968.

Cebolinha, n. 8, ago. 1973; n. 18, jun. 1974; n. 29, maio 1975; n. 53, mar. 1977; n. 56, ago. 1977; n. 61, fev. 1978; n. 71, dez. 1978; n. 73, fev. 1979; n. 79, ago. 1979; n. 85, fev. 1980; n. 87, abr. 1980; n. 99, abr. 1981; n. 100, maio 1981; n. 101, jun. 1981; n. 102, jun. 1981; n. 107, nov. 1981; n. 108, dez. 1981.

Clássicos Walt Disney em quadrinhos, n. 1, out. 1978; n. 2, dez. 1978; n. 3, fev. 1979; n. 4, abr. 1979; n. 5, jun. 1979; n. 6, ago. 1979; n. 7, out. 1979; n. 9, fev. 1980; n. 10, abr. 1980; n. 11, jun. 1980.

Disney Especial, n. 29, abr. 1977; n. 32, out. 1977; n. 35, mar. 1978; s.n., set. 1978; n. 44, jul. 1979; s.n., nov. 1979; n. 47, dez. 1979; s.n. maio 1980; s.n. jul. 1980; s.n. nov. 1980; n. 3, fev. 1981; n. 56, mar. 1981; n. 57, maio 1981, n. 7, out. 1981; n. 60, nov. 1981.

Edição Extra, n. 75, ago. 1977; n. 77, nov. 1977; n. 84, jun. 1978; n. 86, ago. 1978; n. 87, set. 1978; n. 91, jan. 1979; n. 101, nov. 1979; n. 104, fev. 1980; n. 105, mar. 1980; n. 107, maio 1980; n. 118, abr. 1981; n. 119, maio 1981; 120, jun. 1981; n. 121, jul. 1981; n. 124, dez. 1981; n. 125, jan. 1982.

Emília, n. 1, set. 1979; n. 6, maio 1980.

Fantasma, n. 6, jan./fev. 1954; n. 9, jul./ago. 1954; n. 13, mar./abr. 1955; n. 16, set./out. 1955; n. 20, maio/jun. 1956; n. 22, set./out. 1956; n. 34, set./out. 1958; n. 37, mar./abr. 1959; n. 41, nov./dez. 1959; n. 43, mar./abr. 1960; n. 45, jul./ago. 1960; n. 51, 1961; n. 55, 1961; n. 62, s.d; n. 68, s.d.; n. 76, s.d.; n. 81, s.d.; n. 86, s.d.; n. 89, s.d.; n. 91, s.d.; n. 94, s.d.; n. 102, s.d.; n. 109, s.d.; n. 111, s.d.; n. 119, s.d.; n. 122, 1967; n. 127, 1967; n. 135, jan. 1968; n. 142, ago. 1968; n. 149, fev. 1969; n. 156, ago. 1969; n. 165, s.d.; n. 172, nov. 1970; n. 180, 1971; n. 183, 1971; n. 186, 1971; n. 189, 1972; n. 194, 1972; n. 203, 1973; n. 212, 1973; n. 215, 1974; n. 219, 1974; n. 227, 1975; n. 235, 1975; n. 241, 1976; n. 245, 1976; n. 251, 1977; n. 252, 1977; n. 258, 1977; n. 260, 1978; n. 267, mar. 1978; n. 270, jun. 1978; n. 280, abr. 1979; n. 281, out. 1979.

Flash Gordon, n. 2, 1980.

Os Flintstones, n. 3, 1978; n. 4, jul. 1978; n. 13, mar. 1979; n. 19, dez. 1979; n. 1, abr. 1980; n. 4, jul. 1980; n. 13, abr. 1981; n. 14, maio 1981; n. 15, jun. 1981; n. 16, jun. 1981; n. 21, dez. 1981; n. 22, jan. 1982.

Frajola e *Piu-Piu*, n. 1, ago. 1963; n. 12, ago. 1977; n. 14, dez. 1977; n. 16, abr. 1978; n. 21, dez. 1978; n. 22, fev. 1979; n. 24, jun. 1979; n. 28, fev. 1980; n. 30, jun. 1980; n. 1, out. 1980; n. 5, fev. 1981; n. 11, ago. 1981.

Gaguinho, n. 1, set. 1977; n. 2, nov. 1977; n. 4, mar. 1978; n. 6, jul. 1978.

Gasparzinho, n. 28, fev. 1977; n. 32, jul. 1977; n. 38, jan. 1978; n. 47, out. 1978; n. 55, jun. 1979; n. 63, fev. 1980; n. 69, ago. 1980; n. 74, jan. 1981; n. 80, jul. 1981.

Gibi Mensal, n. 172, jul. 1955; n. 174, set. 1955; n. 185, ago. 1956; n. 188, nov. 1956; n. 196, jul. 1957; n. 198, set. 1957; n. 202, jan. 1958; n. 207, jun. 1958; n. 215, fev. 1959; n. 218, maio 1959; n. 228, mar. 1960; n. 236, nov. 1960; n. 241, 1961; n. 249, 1961.

Gibi, n. 1, s. d.; n. 6, s.d.; s.n., abr. 1939; n. 112, fev. 1940; n. 120, fev. 1940; n. 229, out. 1940; n. 251, nov. 1940; n. 289, fev. 1941; n. 302, mar. 1941; n. 337, jun. 1941; n. 351, jul. 1941; n. 462, abr. 1942; n. 477, maio 1942; n. 522, ago. 1942; n. 528, set. 1942; n. 596, fev. 1943; n. 612, mar. 1943; n. 677, ago. 1943; n. 687, set. 1943; s.n., abr. 1944; s.n., jul. 1945; s.n., nov. 1945; s.n., fev. 1946; s.n., maio 1946; s.n., jan. 1948; s.n., maio 1948; s.n., fev. 1949; s.n., jun. 1949; s.n., jul. 1950; s.n., set. 1950; n. 118, jan. 1951; n. 120, mar. 1951; n. 136, jul. 1952; n. 139, out. 1952; n. 154, jan. 1954; n. 159, jun. 1954.

Globinho Caderno de Domingo (suplemento), n. 11, jan. 1981; n. 1, fev. 1981; n. 25, out. 1981.

Globo Juvenil, n. 46, ago. 1944; n. 48, out. 1944; n. 50, dez. 1944; s.n., fev. 1945; s.n., jun. 1945; s.n., jan. 1946; s.n., maio 1946; s.n., jul. 1947; n. 83, nov./dez. 1947; n. 85, fev. 1948; n. 88, maio 1948; n. 89, jun. 1948; n. 98, mar. 1949; n. 101, jun. 1949; n. 115, ago. 1950; n. 119, dez. 1950; n. 126, jul. 1951; n. 129, out. 1951; n. 133, fev. 1952, n. 136, maio 1952; n. 144, jan. 1953; n. 147, abr. 1953; n. 169, fev. 1955; n. 172, maio 1955; n. 181, fev. 1956; n. 184, maio 1956; n. 199, ago. 1957; n. 202, nov. 1957; n. 210, jul. 1958; n. 215, dez. 1958; n. 224, set. 1959; n. 226, nov. 1959; n. 231, abr. 1960; n. 236, set. 1960; n. 246, 1961; n. 250, 1961.

O Gordo e o Magro, n. 9, abr. 1977; n. 11, ago. 1977; n. 14, fev. 1978; n. 18, out. 1978; n. 21, abr. 1979; n. 25, dez. 1979.

Heróis da TV, n. 1, jul. 1979; n. 4, out. 1979; n. 7, jan. 1980; n. 13, jul. 1980; n. 22, abr. 1981; n. 23, maio 1981; n. 24, jun. 1981; n. 25, jul. 1981; n. 30, dez. 1981; n. 31, jan. 1982.

Homem Aranha, n. 1, abr. 1969; n. 2, maio 1969; n. 10, jan. 1970; n. 18, set. 1970; n. 28, jul. 1971; n. 31, out. 1971; n. 36, mar. 1972; n. 45, dez. 1972; n. 48, mar. 1973; n. 55, out. 1973; n. 58, jan. 1974; n. 66, set. 1974; n. 8, jan. 1975; n. 1, fev. 1979.

Os Jetsons, n. 9, set. 1977.

Jim das Selvas, n. 1, s.d.; n. 9, s.d.; n. 12, s.d.; n. 21, s.d.; n. 24, s.d.; s.n., s.d.

Luísa, n. 13, set. 1976; n. 15, abr. 1977; n. 18, nov. 1977; n. 19, fev. 1978.

Luluzinha, n. 11, jul. 1974; n. 12, jun. 1975; n. 13, jun. 1975; n. 14, ago. 1975; n. 39, set. 1977; n. 41, nov. 1977; n. 46, abr. 1978; n. 51, set. 1978; n. 57, mar. 1979; n. 59, maio 1979; n. 70, abr. 1980; n. 75, set. 1980; n. 76, out. 1980; n. 78, dez. 1980; n. 80, fev. 1981; n. 82, abr. 1981; n. 83, maio 1981; n. 84, jun. 1981; n. 85, jul 1981; n. 87, set. 1981; n. 89, nov. 1981; n. 90, dez. 1981; n. 91, jan. 1982.

Manda-Chuva, n. 2, maio 1980; n. 3, jul. 1980; n. 7, mar. 1981; n. 11, nov. 1981; n. 12, jan. 1982.

Mandrake Magazine, n. 6, fev./mar. 1954; n. 8, jun./jul. 1954; n. 12, fev./mar. 1955; n. 16, out./nov. 1955; n. 19, abr./maio 1956; n. 22, out./nov. 1956; n. 24, fev./mar. 1957; n. 27, ago./set. 1957; n. 29, dez./jan. 1958; s.n., 1958; n. 35, jan. 1959; n. 37, abr./maio 1959; n. 40, out./nov. 1959; n. 42, fev./mar. 1960; n. 45, ago./set. 1960; n. 49, fev. 1961; n. 51, 1961; n. 52, 1961; n. 56, 1961; n. 61, 1962; n. 62, 1962; n. 69, 1962; n. 74, 1962; n. 75, 1963; n. 82, 1963; n. 88, 1964; n. 94, 1964; n. 96, 1965; n. 103, 1965; n. 109, 1966; n. 116, 1966; n. 126, 1967; n. 129, 1967; n. 138, abr. 1968; n. 144, out. 1968; n. 148, fev. 1969; n. 156, set. 1969; n. 161, jan. 1970; n. 166, jul. 1970; n. 174, 1971; n. 181, 1971; n. 189, 1972; n. 193, 1972; n. 200, 1973; n. 206, 1973; n. 214, 1974; n. 217, 1974; n. 226, 1975; n. 238, jan. 1976; n. 239, fev. 1976; n. 244, jul. 1976; n. 245, ago. 1976; n. 251, 1977; n. 260, 1977; n. 267, maio 1978; n. 273, out. 1978; n. 277, mar. 1979; n. 283, ago. 1979.

Mickey, n. 18, 1954; n. 21, 1954; n. 24, 1954; n. 28, jan. 1955; n. 33, jun. 1955; n. 41, fev. 1956; n. 45, jun. 1956; n. 52, jan. 1957; n. 55, abr. 1957; n. 76, fev. 1959; n. 79, maio 1959; n. 83, set. 1959; n. 88, fev. 1960; n. 116, jun. 1962; n. 131, set. 1963; n. 137, mar. 1964; n. 138, abr. 1964; n. 153, jul. 1965; n. 165, jul. 1966; n. 179, set. 1967; n. 183, jan. 1968; n. 204, out. 1969; n. 209, mar. 1970; n. 220, fev. 1971; n. 229, nov. 1971; n. 238, ago. 1972; n. 259, maio 1974; n. 286, ago. 1976; n. 294, abr. 1977; n. 302, dez. 1977; n. 304, fev. 1978; n. 306, abr. 1978; n. 325, nov. 1979; n. 326, dez. 1979; n. 327, jan. 1980; n. 328, fev. 1980; n. 330, abr. 1980; n. 331, maio 1980; n. 340, fev. 1981; n. 350, dez. 1981; n. 351, jan. 1982; n. 352, jan. 1982.

Mônica, n. 40, ago. 1973; n. 42, out. 1973; n. 49, maio 1974; n. 84, abr. 1977; n. 85, maio 1977; n. 89, set. 1977; n. 94, fev. 1978; n. 100, ago. 1978; n. 107, mar. 1979; n. 115, nov. 1979; n. 120, abr. 1980; n. 123, jul. 1980; n. 130, fev. 1981; n. 131, mar. 1981; n. 132, abr. 1981; n. 153, maio 1981; n. 134, jun. 1981; n. 137, set. 1981; n. 139, nov. 1981.

Mortadelo e Salaminho, n. 18, 1975; n. 22, 1975; n. 27, fev. 1976; n. 34, 1976; n. 38, fev. 1977; n. 43, jul. 1977; n. 54, maio 1978; n. 59, set. 1978; n. 65, mar. 1979; n. 70, jul. 1979; n. 82, jun./jul. 1981.

Natal Disney de Ouro, n. 3, dez. 1981.

A Pantera Cor-de-Rosa, n. 18, mar. 1977; n. 22, nov. 1977; n. 26, jul. 1978; n. 28, nov. 1978; n. 31, maio 1979; n. 33, set. 1979; n. 35, jan. 1980; n. 37, maio 1980; n. 42, mar. 1981; n. 43, maio 1981; n. 46, nov. 1981; n. 47, jan. 1982.

Pateta faz a História, n. 1, out. 1981; n. 2, nov. 1981.

Pato Donald, n. 1, jul. 1950; n. 2, ago. 1950; n. 3, set. 1950; n. 4, out. 1950; n. 6, dez. 1950; n. 9, mar. 1951; n. 11, maio 1951; n. 14, ago. 1951; n. 20, fev, 1952; n. 21, mar. 1952; n. 38, jul. 1953; n. 39, ago. 1953; n. 54, nov. 1953; n. 87, 1954; n. 88, 1954; n. 90, 1954; n. 192, jul. 1955; n. 204, out. 1955; n. 214, dez. 1955; n. 247, 1956; n. 258, 1956; n. 265, dez. 1956; n. 281, mar. 1957; n. 295, jul. 1957; n. 296, jul. 1957; n. 326, fev. 1958; n. 334, abr. 1958; n. 342, maio 1958; n. 404, ago. 1959; n. 409, set. 1959; n. 415, out. 1959; n. 418, nov. 1959; n. 454, jul. 1960; n. 465, set. 1960; n. 590, fev. 1963; n. 604, jun. 1963; s.n., jul. 1963; n. 642, fev. 1964; n. 660, jun. 1964; n. 690, jan. 1965; n. 716, jul. 1965; n. 748, mar. 1966; n. 770, ago. 1966; n. 796, fev. 1967; n. 806, abr. 1967; n. 964, abr. 1970; n. 982, set. 1970; n. 1.000, jan. 1971; n. 1.002, jan. 1971; n. 1.104, jan. 1973; n. 1.130, jul. 1973; n. 1.206, dez. 1974; n. 1.262, jan. 1976; n. 1.268, 1976; n. 1.314, jan. 1977; n. 1.344, ago. 1977; n. 1.382, maio 1978; n. 1.400, set. 1978; n. 1.486, maio 1980; n. 1.496, jul. 1980; n. 1.504, ago. 1980; n. 1.506, set. 1980; n. 1.518, dez. 1980; n. 1.522, jan. 1981; n. 1.524, jan. 1981; n. 1.526, jan. 1981; n. 1.528, fev. 1981; n. 1.530, fev. 1981; n. 1.534, mar. 1981; n. 1.536, abr. 1981; n. 1.538, abr. 1981; n. 1.544, jun. 1981; n. 1.546, jun. 1981; n. 1.568, nov. 1981; n. 1.570, dez. 1981. n. 1.572, dez. 1981.

Patolino, n. 1, ago. 1977; n. 3, dez. 1977; n. 5, abr. 1978; n. 7, ago. 1978; n. 10, fev. 1979; n. 14, out. 1979; n. 16, fev. 1980; n. 18, jun. 1980.

Pedrinho, n. 1, out. 1979.

Pelezinho, n. 1, ago. 1977; n. 3, out. 1977; n. 6, jan. 1978; n. 12, jul. 1978; n. 19, fev. 1979; n. 29, dez. 1979; n. 33, abr. 1980; n. 36, jul. 1980; n. 43, fev. 1981; n. 44, mar. 1981; n. 46, maio 1981; n. 52, nov. 1981.

Pernalonga, n. 22, jul. 1977; n. 25, out. 1977; n. 28, jan. 1978; n. 34, jul. 1978; n. 52, jan. 1980; n. 1, out. 1980; n. 5, jan. 1981; n. 7, abr. 1981; n. 11, ago. 1981.

O Pica-Pau, n. 12, abr. 1977; n. 15, out. 1977; n. 17, fev. 1978; n. 19, jun. 1978; n. 23, jan. 1979; n. 26, jul. 1979; n. 30, mar. 1980; n. 34, nov. 1980; n. 36, fev. 1981; n. 37, abr. 1981; n. 38, maio 1981; n. 39, jun. 1981; n. 42, nov. 1981; n. 43, dez. 1981.

Pimentinha, n. 1, fev. 1977; n. 8, set. 1977; n. 13, fev. 1978; n. 19, jul. 1978; n. 29, maio 1979; n. 34, out. 1979; n. 36, fev./mar. 1980; n. 44, jun./jul. 1981.

Popeye, n. 1, mar. 1953; n. 9, nov. 1953; n. 11, jan. 1954; n. 15, maio 1954; n. 23, jan. 1955; n. 29, jul. 1955; n. 37, mar. 1956; n. 42, ago. 1956; n. 50, abr. 1957; n. 58, dez. 1957; n. 63, maio 1958; n. 68, out. 58; n. 71, jan. 1959; n. 79, set. 1959; n. 84, fev. 1960; n. 90, ago. 1960; n. 1, 1974; n. 4, 1974; n. 18, 1975; n. 1, jul. 1978; n. 3, nov. 1978; n. 5, mar. 1979; n. 7, jul. 1979.

Os Quatro Fantásticos, n. 2, maio 1979; n. 6, set. 1979; n. 10, fev./mar. 1980; n. 12, jun./jul. 1980.

Recreio, n. 420, 1981.

Recruta Zero, n. 1, 1961; n. 3, 1961; n. 8, s.d.; n. 11, s.d.; n. 15, s.d.; n. 17, s.d.; n. 22, s.d.; n. 25, s.d.; n. 30, s.d.; n. 32, s.d.; n. 34, s.d.; n. 37, s.d.; n. 43, s.d.; n. 44, s.d.; n. 55, jan. 1968; n. 65, nov. 1968; n. 71, abr. 1969; n. 78, nov. 1969; n. 85, maio 1970; n. 90, out. 1970; n. 95, 1971; n. 101, 1971; n. 110, 1972; n. 115, 1972; n. 125, 1973; n. 130, 1973; n. 135, 1974; n. 138, 1974; n. 151, 1975; n. 152, 1975; n. 159, jan. 1976; n. 167, 1976; n. 176, 1977; n. 184, jan. 1978; n. 195, dez. 1978; n. 191, jan. 1979; n. 206, out. 1979; n. 209, fev. 1980; n. 215, jul. 1980, n. 221, jan. 1981; n. 227, jul. 1981.

Revista do Sítio do Pica-Pau Amarelo, n. 1, abr. 1977; n. 5, set. 1977; n. 11, mar. 1978; n. 15, jul. 1978; n. 22, 1979; n. 27, 1979.

Robin Hood Magazine, n. 1, jul./ago. 1956; n. 3, nov./dez. 1956; n. 6, maio/jun. 1957; n. 14, set./out. 1958; n. 17, mar./abr. 1959; n. 24, maio/jun. 1960; n. 35, s.d.; n. 46, s.d.; n. 52, s.d.; n. 58, s.d.; n. 63, s.d.; n. 70, s.d.; n. 81, s.d.; n. 87, s.d.

Scubidu, n. 2, ago. 1978; n. 4, out. 1978; n. 7, jan. 1979; n. 10, jun. 1979; n. 1, jun. 1981; n. 2, jun. 1981; n. 3, jun. 1981; n. 4, dez. 1981; n. 5, jan. 1982; n. 6, fev. 1982.

Speed Racer, n. 2, mar. 1977; n. 5, set. 1977; n. 7, jan. 1978; n. 10, jul. 1978; n. 13, fev. 1979; n. 17, out. 1979.

Super-Heróis Marvel, n. 19, jan. 1981; n. 26, ago. 1981.

Superman, n. 1, nov. 1947; n. 2, dez. 1947; n. 5, mar. 1948; n. 10, ago. 1948; n. 15, jan. 1949; n. 21, jul. 1949; n. 28, fev. 1950; n. 34, ago. 1950; n. 42, abr. 1951; n. 50, nov. 1951; n. 53, fev. 1952; n. 60, set. 1952, n. 64, jan. 1953; n. 73, out. 1953; n. 79, abr. 1954; n. 88, dez. 1954; n. 93, maio 1955; n. 97, set. 1955; n. 1, jan. 1956; n. 10, out. 1956; n. 20, ago. 1957; n. 25, jan. 1958; n. 32, ago. 1958; n. 38, fev. 1959; n. 45, set. 1959; n. 50, fev. 1960; n. 56, ago. 1960; n. 71, nov. 1961; n. 72, dez. 1961; n. 75, mar. 1962; n. 80, ago. 1962; n. 85, jan. 1963; n. 94, out. 1963; n. 97, jan. 1964; n. 2, jun. 1964; n. 10, fev. 1965; n. 19, nov. 1965; n. 21, jan. 1966; n. 27, jul. 1966; n. 34, fev. 1967; n. 40, ago. 1967; n. 51, jul. 1968; n. 54, out. 1968; n. 60, abr. 1969; n. 65, set. 1969; n. 71, mar. 1970; n. 79, nov. 1970; n. 83, mar. 1971; n. 89, set. 1971; n. 93, jan. 1972; n. 99, jul. 1972; n. 11, jul. 1973; n. 14, out. 1973; n. 18, fev. 1974; n. 21, maio 1974; n. 29, jan. 1975; n. 35, jul. 1975; n. 44, abr. 1976; n. 48, ago. 1976; n. 55, mar. 1977; n. 9, dez. 1977; n. 11, fev. 1978; n. 17, ago. 1978; n. 26, maio 1979; n. 30, set. 1979; n. 47, mar. 1980; n. 50, jun. 1980.

Supermouse, n. 2, out. 1980; n. 5, jan. 1981; n. 7, mar. 1981.

Suplemento Jornal do Brasil. Caderno Quadrinhos, 22 out. 1972.

Suplemento Juvenil, n. 1, mar. 1934; n. 5, abr. 1934; n. 6, abr. 1934; n. 15, jun. 1934; n. 20, jul./ago. 1934; n. 37, nov. /dez. 1934; n. 44, jan. 1935; n. 52, mar. 1935; n. 65, abr. 1935; n. 73, maio 1935; n. 85, jul. 1935; n. 147, nov. 1935; n. 167, jan. 1936; n. 200, mar. 1936; n. 227, nov. 1936; n. 249, jul. 1936; n. 286, out. 1936; n. 297, nov. 1936; n. 326, jan. 1937; n. 347, mar. 1937; n. 389, jun. 1937; n. 426, set. 1937; n. 434, set. 1937; n. 447, out. 1937; n. 501, mar. 1938; n. 524, abr. 1938; n. 554, jun. 1938; n. 575, ago. 1938; n. 601, out. 1938; n. 619, nov. 1938; n. 636, jan. 1939; n. 647, fev. 1939; n. 676, abr. 1939; n. 742, set. 1939; n. 779, dez. 1939; n. 790, jan. 1940; n. 826, mar. 1940; n. 846, maio 1940; n. 877, jul. 1940; n. 888, ago. 1940; n. 928, nov. 1940; n. 950, jan. 1941; n. 976,

mar. 1941; n. 1.000, abr. 1941; n. 1.027, jun. 1941; n. 1.078, out. 1941; n. 1099, nov. 1941; n. 1.117, jan. 1942; n. 1.148, mar. 1942; n. 1.192, jun. 1942; n. 1.209, jul. 1942; n. 1.243, out. 1942; n. 1.255, nov. 1942; n. 1.288, jan. 1943; n. 1.327, maio 1943; n. 1.343, jun. 1943; n. 1.377, ago. 1943; n. 1.390, set. 1943; n. 1.426, dez. 1943; n. 1.440, jun. 1944; n. 1.450, fev. 1944; n. 1.478, abr. 1944; n. 1.493, maio 1944; n. 1.526, ago. 1944; n. 1.550, out. 1944.

Tarzan, n.1, jul. 1951; n. 5, nov. 1951; n. 8, fev. 1952; n. 16, out. 1952; n. 19, jan. 1953; n. 27, set. 1953; n. 34, abr. 1954; n. 40, out. 1954; n. 43, jan. 1955; n. 49, jul. 1955; n. 54, dez. 1955; n. 56, mar. 1956; n. 65, nov. 1956; n.70, abr. 1957; n. 76, out. 1957; n. 80, fev. 1958; n. 88, ago. 1958; n. 96, jan. 1959; n. 8, set. 1959; n. 15, fev. 1960; n. 30, dez. 1960; n. 35, mar. 1961; n. 40, jun. 1961; n. 50, jan. 1962; n. 57, jun. 1962; n. 70, mar. 1963; n. 76, set. 1963; n. 81, fev. 1964; n. 90, nov. 1964; n. 94, mar. 1965; n. 100, set. 1965; n. 4, jan. 1966; n. 10, jul. 1966; n. 18, mar, 1967; n. 26, nov. 1967; n. 31, abr. 1968; n. 39, dez. 1968; n. 41, fev. 1969; n. 48, set. 1969; n. 53, fev. 1970; n. 61, out. 1970; n. 66, mar. 1971; n. 70, jul. 1971; n. 76, jan. 1972; n. 84, set. 1972; n. 90, mar. 1973; n. 95, ago. 1973; n. 100, jan. 1974; n. 7, ago. 1974; n. 13, fev. 1975; n. 16, maio 1975; n. 27, abr. 1976; n. 1, jun. 1976; n. 8, jan. 1977; n. 15, ago. 1977; n. 22, mar. 78; n. 30, nov. 78; n. 41, out. 1979; n. 43, dez. 1979; n. 48, maio 80; n. 50, jul. 1980.

O Tico-Tico, n. 1, out. 1905; n. 74, mar. 1907; n. 119, jan. 1908; n. 338, mar. 1912; n. 400, jun. 1913; n. 878, ago. 1922; n. 880, ago. 1922; n. 889, out. 1922; n. 892, nov. 1922; n. 900, jan. 1923; n. 902, jan. 1923; n. 917, maio 1923; n. 923, jun. 1923; n. 992, out. 1924; n. 1.015, mar. 1925; n. 1.045, out. 1925; n. 1.093, set. 1926; n. 1.096, out. 1926; n. 1.035, jul. 1927; n. 1.201, out. 1928; n. 1.218, fev. 1929; n. 1.805, maio 1940; n. 1.897; dez. 1943; n. 1.982, jan. 1951; n. 1.990, set. 1951; n. 2.018, jan. 1954; n. 1.024, jul. 1954; s.n., out. 1955; n. 2.053, dez. 1956; n. 2.054, jan. 1957; n. 2.057, abr. 1957; n. 2.067, fev. 1958; n. 2.070, maio 1958; n. 2.075, out. 1958; n. 2.086, maio/jun. 1960.

Tininha, n. 1, 1968; n. 3, abr./maio 1968; n. 13, mar. 1969; n. 15, maio 1969; n. 25, 1970; n. 30, jul. 1970; n. 39, 1971; n. 43, 1971; n. 51, 1972; n. 60, 1972; n. 66, 1973, n. 77, 1974; n. 86, 1974; n. 103, jan. 1976; n. 109, 1976; n. 117, mar. 1977; n. 122, ago. 1977.

Tintin n. 24, 1970; n. 6, s.d.

Tio Patinhas, s.n. fev. 1966; s.n., jun. 1966; n. 824, ago. 1967; n. 826, out. 1967; s.n., jul. 1968; s.n., nov. 1968; s.n., jan. 1969; s.n. mar. 1969; s.n., jun. 1969; s.n., ago. 1970; n. 61, ago. 1970; n. 65, dez. 1970; n. 69, abr. 1971; n. 71, jun. 1971; n. 82, maio 1972; n. 84, jul. 1972; n. 99, out. 1973; n. 101, dez. 1973; n. 103, fev. 1974; s.n., dez. 1974; n. 114, jan. 1975; n. 116, mar. 1975; n. 129, abr. 1976; n. 132, jul 1976; n. 144, jul. 1977; n. 146, set. 1977; n. 151, fev. 1978; n. 152, fev. 1978; n. 159, out. 1978; n. 169, ago. 1979; n. 170, set. 1979; n. 172, nov. 1979; n. 177, abr. 1980; n. 184, nov. 1980; n. 186, jan. 1981; n. 188, mar. 1981; n. 189, abr. 1981; n. 190, maio 1981; n. 191, jun. 1981; n. 197, dez. 1981; n. 198, dez. 1981.

Vida Infantil, n. 168, dez. 1956; n. 174, mar. 1957; n. 177, maio 1957; n. 179, jul. 1957; n. 185, nov. 1957; n. 187, jan. 1958; n. 195, set. 1958; n. 199, fev. 1959.

Vida Juvenil, n. 154, dez. 1956; n. 161, abr. 1957; n. 166, jul. 1957; n. 168, ago. 1957; n. 172, dez. 1957; n. 175, mar. 1958; n. 182, nov. 1958, n. 184, fev. 1959.

Zagor, n. 1, ago. 1978; n. 9, abr. 1979; n. 12, jul. 1979; n. 16, nov. 1979; n. 26, set. 1980; n. 29, nov. 1980; n. 33, mar. 1981; n. 34, abr. 1981.

Zé Carioca, n. 1.333, maio 1977; n. 1.341, jul. 1977; n. 1.345, ago. 1977; n. 1.353, out. 1977; n. 1.375, mar. 1978; n. 1.387, jun. 1978; n. 1.395, ago. 1978; n. 1.401, set. 1978; n. 1.411, nov. 1978; n. 1.423, fev. 1979; n. 1.429, mar. 1979; n. 1.435, maio 1979; n. 1.463, nov. 1979; n. 1.473, fev. 1980; n. 1.497, jul. 1980; n. 1.517, nov. 1980; n. 1.523, jan. 1981; n. 1.529, fev. 1981; n. 1.533, mar. 1981; n. 1.535, abr. 1981; n. 1.537, abr. 1981; n. 1.543, maio 1981; n. 1.545, jun. 1981; n. 1.567, nov. 1981; n. 1.569, nov. 1981.

Zé Colméia, n. 1, fev. 1976; n. 4, jul. 1978; n. 10, dez. 1978; n. 11, fev. 1978; n. 17, set. 1979; n. 19, dez. 1979; n. 1, abr. 1980; n. 5, dez. 1980; n. 6, fev. 1981; n. 7, abr. 1981.

Zé o Soldado, n. 4, s.d.

Zezé e Cia, n. 2, s.d.; n. 10, s.d.; n. 16, s.d.; n. 23, s.d.; n. 28, s.d.; n. 33, s.d.